

Língua, Literatura e Ensino, Outubro/2013 – Vol. X

PÁRODO DAS *BACANTES*: O HINO CULTUAL EM HONRA A DIONISO ¹

Lidiana Garcia GERALDO

Orientador: Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira

Resumo: O presente artigo é resultado do estudo, ainda em desenvolvimento, sobre a tragédia *As Bacantes*², de Eurípides. Nesta etapa da pesquisa, objetivou-se a análise do párodo (v. 64-169) das *Bacantes* que se caracteriza como um hino cultural em honra ao deus Dioniso. Como uma ode religiosa, o párodo apresenta os três elementos essenciais da religião dionisiaca: o dogma, o mito e o rito. Neste párodo, Eurípides evoca a epifania de Dioniso, através do canto das ménades, aludindo aos ritos e mitos relacionados com a divindade. Dessa forma, o estudo focou-se na análise dos elementos da religião dionisiaca, presentes no párodo, e abordou alguns mitos que se relacionam com o “*deus delirante*”³.

Palavras-chave: Estudos Clássicos; tragédia grega; *As Bacantes*; Dioniso; párodo.

Ao finalizar o prólogo Dioniso clama às ménades que compõem seu *thíasos* de adoração, clama pelas mulheres estrangeiras que o acompanham, desde as montanhas da Lídia, na propagação de sua religião pelo mundo. Ordena às ménades que iniciem seus cantos e danças rituais ao redor da morada do rei Penteu e por toda a cidade de Tebas, a fim de dar-lhes conhecimento que Dioniso manifesta-se na cidade tebana e exige adoração e reconhecimento divino.

Dioniso: (...) Mas vinde vós, ó Tíaso meu, mulheres que deixastes o Tmolos, baluarte da Lídia, e desde as bárbaras nações a meu lado estais e por companheiras tenho. Vinde! Erguei os vossos tamborins oriundos da Frígia, por Reia-Madre e por mim achados. Que em redor da morada de Penteu ressoem e toda a cidade de Cadmo vos olhe! Por mim, nas quebradas do Citeron me juntarei às *Bacantes*, a dirigir seus coros. (Prólogo, v. 51-58)⁴.

Após ordenar às suas companheiras que iniciassem os ritos de adoração, Dioniso sai de cena e cede lugar ao coro das ménades que entram na orquestra para iniciar os hinos corais de culto ao deus.

De acordo com Dodds (1986, p. 71), a primeira parte do párodo das *Bacantes* é um prelúdio que anuncia o hino cultural e liga-se com a ordem dada por Dioniso no final do

¹ Estudo desenvolvido na disciplina de orientação HL 904 K – Investigação Científica I – ministrada pelo professor e orientador deste projeto Flávio Ribeiro de Oliveira.

² A tragédia *As Bacantes* foi representada pela primeira vez em Atenas no ano de 405 a.C., postumamente, um ano após a morte de seu autor Eurípides (Salamina, 480 a.C. – Pela, 406, a.C.).

³ Burkert, 1993, p. 433.

⁴ A tradução das *Bacantes* utilizada neste artigo é de Eudoro de Souza (2011, p. 19-69).

prólogo. Sendo assim, esta primeira parte do párodo, o proêmio, não constitui o próprio hino, mas sim, o apresenta ao público: hino que será entoado pelas ménades e que exaltará a Dioniso.

[Proêmio]

Coro: Da terra asiática, do sagrado Tmolos acorro; que sendo por Brômio, doce pena, suave fadiga é exaltar a Baco, gritando “Evoé!” Quem passa? Quem passa? Quem? Recolhei-vos, profanos! Vós todos, fechai os lábios, guardando silêncio sagrado. Sempre, conforme o rito, a Dioniso entoarei os meus hinos. (v. 64-69).

Os dois pares de estrofes (v. 71-79 e v. 91-99) e suas antístrofes (v. 81-89 e v. 101-109) seguintes ao proêmio constituem o corpo do hino cultual. Segundo Zielinski (*apud* Dodds, 1986, p. 72), a ode do párodo contém os três elementos essenciais de toda a religião: dogma (primeira estrofe), mito (primeira e segunda antístrofe) e rito (segunda estrofe e epodo).

A forma e o conteúdo do párodo das *Bacantes* o aproximam de um hino litúrgico destinado ao culto dionisiaco: neste párodo Eurípides evoca Dioniso, através das ménades, na sua manifestação divina, aludindo aos ritos e mitos que se relacionam com a divindade.

I. ELEMENTOS DA RELIGIÃO DIONISIACA

O párodo das *Bacantes*, por assumir o caráter e a função de um hino cultual a Dioniso, apresenta algumas alusões à religião dionisiaca. Na primeira estrofe do párodo, o coro canta o santificar da vida e da alma através das danças báquicas que purificam por meio dos ritos místicos⁵, nos quais os adoradores dotados das insígnias dionisiacas (coroas de hera e tirsos) celebram as orgias, dançando nas montanhas em honra ao deus.

[Estrofe I]

Coro: Ó feliz, bem-aventurado aquele que conhecendo os mistérios divinos, sua vida santifica, sua alma enfevesce, pelos montes dançando com Baco, purificado com os ritos místicos, e de Cibele, Mãe Suprema, as orgias celebra e a Dioniso serve coroado de hera, empolgando o tirso. Ide Bacantes! Ide Bacantes! Trazei a Brômio, deus de deus filho Dioniso. Trazei-o das montanhas frígias para as amplas da Hélade, onde é bom dançar. Trazei-o, trazei a Brômio. (v. 71-79).

De acordo com Burkert (1993, p. 212), o movimento coletivo da dança, ritmado e repetitivo, sem finalidade específica, é a forma pura e cristalizada do ritual religioso. Tanto o grupo como o local da dança era denominado *chorós*. O coro de Dioniso era formado por um séquito de ágeis dançarinas, as quais eram chamadas “ménades” as mulheres casadas e “ninfas” as virgens. Os instrumentos de percussão utilizados pelos

⁵Em grego, o termo possui um sentido próprio que se refere aos mistérios “*práticas de iniciação religiosa, ritos secretos*” (Liddel & Scott, 1996, p.1156). Minha tradução (inglês-português).

coros dionisiacos que marcavam o ritmo da dança são exclusivamente atribuídos às orgias estrangeiras de culto a Dioniso. A tragédia de Eurípides faz menção à origem bárbara dos instrumentos utilizados nas bacanais dionisiacas:

[Antístrofe]

Coro: (...) No recôndito de vossas grutas é que os Coribantes do elmo tríplice me inventaram este orbe de couro tenso e ressoante, e depois, juntando seu alvoroço ao mais doce suspiro das flautas frigias, nas mãos de Reia-Madre o depuseram, para que ao cântico das Bacantes fizéssemos eco. Da Mãe Divina os ganharam os loucos Sátiros, e em instrumentos se tornou nas trietéridas danças que alegrem o coração de Baco. (v. 102-109).

A presença do deus e do hino extático no *dithýrambos*, canto religioso dionisiaco, pode ser considerada, também, como um elemento antigo da religião dionisiaca, não grego.

Segundo Burkert (1993, p. 320), o nome do deus, assim como é descrito na primeira estrofe do párodo, faz alusão a Zeus como era entendido na antiguidade grega: *Diòs Diónysos*, o filho de Zeus, Dioniso.

“Coro: (...) *Ide Bacantes! Trazei a Brômio, deus de deus filho Dioniso (...)*”. (v. 76-77).

Porém, ainda de acordo com Burkert (1993, p. 320), os nomes que complementam a identificação de Dioniso contêm elementos não gregos: *Séméle*, mãe de Dioniso; *Bácchos*, nome do adorador e nome alternativo do deus; *thýrsos*, o seu bastão sagrado; *thríambos* e *dithýrambos*, seu hino cultural - todas essas palavras são manifestadamente não gregas. A tradição grega coloca Dioniso em ligação estreita com a tradição frigia e lídia e também com a mãe frigia dos deuses, Cibele.

Coro: (...) pelos montes dançando com Baco, purificado com os ritos místicos, e de Cibele, Mãe Suprema, as orgias celebra e a Dioniso serve coroado de hera, empolgando o tirso. (...) Trazei-o das montanhas frigias para as amplas da Hélade, onde é bom dançar, Trazei-o, trazei a Brômio”. (v. 73-79).

Com relação ao *thíasos*, como era denominada a procissão religiosa dionisiaca, de acordo com Burkert (1993, p. 326), a comitiva era constituída por ménades femininas e sátiros enfaticamente masculinos. Como era representado na cerâmica ática do século VI, as ménades eram vestidas de pele de corça sobre os ombros e dançavam em transe, com a cabeça curvada para frente ou atirada para trás. A aparência dos sátiros, com a sua mistura de feições humanas e animais, era produzida por uma máscara. Os sátiros utilizavam uma máscara com nariz achatado, com barba e orelhas de animal, uma tanga que sustentava falos de couro e um rabo de cavalo. Nestas mesmas cerâmicas áticas, Dioniso era representado com videiras, coroa de hera e o tirso, uma vara flexível com um filete de hera na extremidade superior, que também podia ser entendido como uma pinha. Tais elementos são, também, descritos na segunda estrofe do párodo das *Bacantes*:

[Estrofe II]

Coro: Coroai-vos de hera, ó Tebas que criaste Séméle! Fazei germinar, fazei germinar o verde smílix de belos frutos. A dança báquica dança, com ramos de abeto, com ramos de pinho. (...). (v. 91-93).

De acordo com Dodds (1986, p. XIII), *éntheos*, termo grego que significa “*cheio de deus, inspirado por deus ou possuído*”⁶ pelo próprio divino, dava aspecto a um ato de devoção religioso que propiciava um determinado tipo de experiência religiosa: a comunhão com o deus que transformava o ser humano em bacante. Para este experimentar dionisiaco os gregos acreditavam que o vinho tinha um valor religioso, pois quem o bebia se tornava *éntheos*, ou seja, bebia a própria divindade.

Coro: (...) e em vossas mãos fervorosas tomai do nárteu arrogante, que, de súbito, a terra inteira ressoará dançando! Para os montes, Brômio conduzirá os *tíasos*, para os montes (...). (v. 94-96).

Porém, ainda de acordo com Dodds (1986, p. XIII), o vinho não consistia no único meio para esta comunhão, pois havia outras maneiras de se tornar *éntheos*. A própria dança na montanha, realizada pelo *thíasos* das *mênades* em honra a Dioniso, mencionada na segunda estrofe do párodo das *Bacantes*, proporcionava a experiência divina do *éntheos* e era o reflexo do ritual praticado pelas sociedades de mulheres de Delfos. Portanto, a dança nas montanhas descrita no hino cultural por Eurípides não foi uma simples invenção e sim uma alusão aos verdadeiros ritos dionisiacos.

Nestes termos pode-se afirmar que a dança provocava, nas *mênades* e nas *bacantes*, a sensação de estarem possessas pelo próprio Dioniso, transformando-as na manifestação divina do deus e as tornando *éntheoi*. Porém, a dança extasiante pode caracterizar tanto a graça da experiência divina quanto o castigo imposto pelo deus irado. É neste sentido que se configura a possessão báquica de Ágave, mãe de Penteu, que não reconhecia o nascimento divino de Dioniso: como um castigo que se tornou uma obsessão compulsiva que possuiu e controlou a mente racional de Ágave. A loucura imposta por Dioniso, “*o deus delirante*” (BURKERT, 1993, p. 433), nas filhas de Cadmo foi uma forma de amaldiçoá-las, de acordo com a sua *phýsis*, pois é próprio da natureza do deus lançar a loucura.

De acordo com Dodds (1986, p. XVI), o párodo das *Bacantes* retrata a histeria, provocada pelos ritos dionisiacos, ou seja, os atos praticados pelas *bacantes* possessas no Citeron eram manifestações de histeria, a *manía* compulsiva que atacou as mulheres incrédulas de Tebas, em especial Ágave, Autônœ e Ino. Aqui, Dioniso manifestou-se como o deus causador e libertador da loucura.

II. RITUAL E MISTÉRIOS BÁQUICOS

O culto de Dioniso é muito antigo na Grécia e tem origens asiáticas nas regiões da Lídia e da Frigia, como foi exposto por Eurípides no prólogo (v. 1-63) das *Bacantes*. Segundo Burkert (1993, p. 554), as sociedades de mulheres “*delirantes*”, as *mênades* e *tiades*, são também muito antigas. As mulheres gregas “*entravam em frenesi*” em uma data estabelecida do ano, durante o festival anual da *Agriónia* ou da *Lénaia*, ou então de dois em dois anos nas festas “*trietéricas*”. Elas saíam da limitação dos aposentos femininos e rumavam “*para a montanha*”, como é descrito nos versos 97-99 da segunda estrofe do párodo das *Bacantes*:

⁶ Liddell & Scott. *A Greek-English Lexicon*. 1996, p. 566. Minha tradução (inglês-português).

“Coro: (...) Brômio conduzirá os *thíasos*, para os montes onde o espera o feminil tropel, que os fusos, os teares desertou sob o aguilhão de Baco”.

Ainda de acordo com Burkert (1993, p. 554), Dioniso era considerado o deus da exceção, pois à medida que o indivíduo conquistava a sua independência, o culto ao deus tornava-se a expressão da separação de grupos privados face à pólis. À margem dos festivais dionisiacos estatais, surgiam mistérios privados em honra a Dioniso, que eram esotéricos e realizavam-se durante a noite. O acesso a estes mistérios ocorria através de um rito de iniciação individual, chamado *teleté*. O coro das *mênades* na primeira estrofe do párodo das *Bacantes* faz menção aos mistérios divinos em honra ao deus:

Coro: Ó feliz, bem-aventurado aquele que conhecendo os mistérios divinos, sua vida santifica, sua alma efervesce, pelos montes dançando com Baco, purificado pelos ritos místicos (...). (v. 71-74).

Segundo Burkert (1993, p. 556), a tragédia de Eurípides retrata o mito antigo no qual as mulheres de Tebas são dominadas pelo deus Dioniso. Porém, nos ritos dionisiacos havia homens que também podiam ir para as montanhas adorar ao deus: o líder do *thíasos* de adoração, nas *Bacantes*, era um homem (o próprio deus) que afirmava ter recebido as *órgia*, “práticas de iniciação, cultos secretos”⁷, de Dioniso. O dever desse adorador era mostrar os mistérios báquicos e transmiti-los às outras pessoas que estivessem dispostas a adorar ao deus. Mas, esse processo era secreto, ou seja, aquele que não se submetia aos *baccheia* não podia ter conhecimento sobre o ritual.

Sendo assim, ainda de acordo com Burkert (1993, p. 556), as celebrações rituais eram realizadas durante a noite e a gruta ou caverna báquica, onde se realizava tais ritos, consistiam em um símbolo do secreto e do transcendente nos mistérios dionisiacos. Neste sentido, o mito de sublevação das mulheres (como retratado nas *Bacantes*) mistura-se com as práticas rituais secretas dos mistérios, onde as celebrações eram indiferentes ao sexo dos participantes que consentiam em ser iniciados. O papel dos sexos nestes ritos se tornava menos importante e existiam *bácchoi* ou *mýstai*, adeptos dos mistérios, masculinos e femininos. As iniciações báquicas não eram festividades públicas: a admissão dependia do desejo individual do adorador e, quando aceito, o iniciado passava por um período de preparação, uma transmissão dos ritos sagrados e, depois, uma integração no grupo dos iniciados. Qualquer pessoa, mesmo estrangeira, poderia ser iniciada.

Segundo Burkert (1993, p. 555), em Mileto no século III é referido, em uma inscrição, o culto em honra a *Diónysos Baccheios*, no qual homens e mulheres são iniciados e o ato culminante da dança dionisiaca era o rasgar em pedaços e o comer a carne crua de um animal, atos denominados *sparagmós* e *omofagia* respectivamente. A *oreibasía*, que consistia na caminhada nas montanhas, também foi relatada na inscrição de Mileto.

Para Dodds (1986, p. XVI-XVII), os atos do *sparagmós* e da *omofagia* comemoravam o dia em que o infante Dioniso foi despedaçado e devorado pelos Titãs, em um dos mitos⁸ que se referem ao deus. A vítima habitual do sacrifício ritual dionisiaco era um touro, mas poderia ser também cabras ou víboras. Dodds considera a *omofagia* como o rito no qual o deus era despedaçado e comido, na forma do animal sacrificado, pelo seu adorador que acreditava adquirir os poderes vitais da natureza selvagem de Dioniso.

⁷ Ibidem, p. 1246. Minha tradução (inglês-português).

A omofagia e as encarnações bestiais revelam Dioniso como algo muito mais importante e muito mais perigoso do que um deus do vinho. Ele é o princípio da vida animal, *tauros* e *taurophágos*, a caça e o caçador - a potência desenfreada que o homem inveja nos animais e procura assimilar. Seu culto era originalmente uma tentativa, por parte dos seres humanos, para realizar a comunhão com essa potência. Seu efeito psicológico era libertar a vida instintiva do homem da escravidão imposta a ela pela razão e pelos costumes sociais: o adorador se tornou consciente de uma nova vitalidade estranha, que ele atribuiu à presença do deus dentro dele⁹. (DODDS, 1986, p. XX).

De acordo com Burkert (1993, p. 556), a iniciação dionisiaca consumia-se no devaneio extasiante, a *baccheia*, sendo o iniciado convertido em *bácchos*. Este devaneio era considerado uma graça divina arrebatadora, tal como é descrito no párodo das Bacantes:

[Epodo]

Coro: Quando pelos montes correm os tiasos, é doce cair por terra, cingindo do sacro velo, perseguir o corso e matá-lo, devorar-lhe as carnes sangrentas, lançando-se pelos serros da Frígia, pelas montanhas da Lídia, quando Brômio vai na frente. Evoé! O solo escorre leite, arroia o vinho e o néctar das abelhas, exala o incenso da Síria. (...) magnificai o deus com frígios clamores, enquanto o loto a sacra melodia entoar, que conduz a vagante fúria para os montes... E tal como uma poldra segue a mãe pela campina aberta, a Bacante corre e salta com seus pés velozes. (v. 111-128).

Neste trecho a terra é descrita como um paraíso no qual leite, vinho e mel brotam do solo, e a bacante estabelece-se em íntima consonância com a natureza. Porém entre a paz natural reina também a selvageria do instinto animal: as bacantes possesas tornam-se exímias caçadoras de animais e os despedaçam com as próprias mãos, pois possuem fome de carne crua (alusão ao *sparagmós* e a *omofagia*).

De acordo com Belotto (1966, p. 140), em seu artigo *Introdução ao Misticismo Grego: Origem e Natureza do Culto de Dioniso*, a tragédia de Eurípides narra a mitificação do fato histórico que representa a resistência e a reação com que foi recebido o culto do deus estrangeiro na Grécia. É necessário relembrar que Penteu, governante e representante da aristocracia tebana na tragédia *As Bacantes*, não aceitou a introdução da nova religião em Tebas e tentou de todas as formas negá-la e subjugar-la ao poder do Estado. Para Belotto, a aristocracia grega, que mantinha a fê e os cultos nos deuses olímpicos, não recebeu bem, em um primeiro momento, os novos ritos dionisiacos que atraíam principalmente os camponeses e as camadas baixas da população grega que celebravam cultos de mistérios, ligados a terra e as divindades ctônicas. Os cultos a Dioniso, que tinham um caráter intrinsecamente emocional e tendiam a excessos, ligados sempre à ideia de loucura e delírio, eram vistos, pela aristocracia grega, como uma espécie de ameaça, pois poderiam gerar desordem social e rebeldia por parte dessa população pobre.

Sendo assim, nos ritos dionisiacos originais, a energia primitiva do ser humano é contrastada com a racionalidade e a limitação da vida cívica da pólis. Dioniso é a base da

⁸ O mito em questão será descrito na seção III – *Mitos do nascimento divino de Dioniso* deste artigo, de acordo com a exposição de Kerényi (2000).

⁹ Minha tradução (inglês-português).

vida elementar, nele estão as raízes da Natureza primitiva que o homem perdeu ao viver no comedimento racional da pólis: o deus é o oposto da consciência racional, é o pólo avassalador e indomesticável da Natureza. Por isso, Penteu nas *Bacantes* tentou lutar de todas as formas contra o dionisismo, pois o deus representava a quebra do comportamento civilizado, não respeitava os limites impostos pelos valores morais e não agia de acordo com a racionalidade estatal grega. Dioniso rompia as limitações da vida urbana, em prol do instinto primitivo da liberdade em consonância com a Natureza: a revolução era parte da essência de Dioniso¹⁰.

III. MITOS DO NASCIMENTO DIVINO DE DIONISO

Como parte do hino cultural a Dioniso, as antístrofes do párodo das *Bacantes* narram o mito do nascimento do deus, filho da mortal Sêmele e do olímpico Zeus.

[Antístrofe]

Coro: Que outrora em transe do parto fatal, imaturo saiu do ventre materno, por força do raio alado de Zeus. Fulminada, a mãe deixou a vida, mas logo Zeus Crônida novo tálamo ao filho apronta, na própria coxa o abriga, com fíbulas de ouro o encerra, de resguardo aos olhos de Here. À luz o deu ele, quando o quiserem as Moiras – ao deus tauricornudo -, e de grinaldas de serpentes o coroou. Desde essa hora, as Mênades, nutrizes de feras, usam serpentes nos cabelos entrelaçadas. (v. 81-89).

De acordo com Kerényi (2000, p. 197), um dos mitos que relatam o nascimento do deus Dioniso o relaciona como filho de Sêmele, filha de Cadmo, o rei de Tebas. Sêmele era o nome dado pelos frigios e pelos trácios, na Ásia Menor, à deusa Ctônia, “a subterrânea”. Em uma das versões do mito, dizia-se que o lugar em que Zeus consumou o seu casamento com a deusa Sêmele na Ásia Menor foi no monte Sípilo. Porém, em outra versão, era em Tebas que se mostrava uma ruína queimada no recinto sagrado de Deméter, onde se afirmava ter-se erguido o palácio de Cadmo e onde Zeus teria consumido Sêmele com um raio.

Segundo Kerényi (2000, p. 197), a deusa-mãe frigia era também conhecida como Reia e, mais tarde, passou a ser chamada Cibele e, assim como a deusa-mãe dos frigios, Dioniso tinha diversos nomes: era conhecido como Zagreu, “o Caçador” ou Baco, “o Rebento” - palavra que indica os ramos que germinam ou as gavinhas da videira. Porém, no mito grego, a deusa-mãe frigia passou a ser considerada uma princesa mortal, a tebana Sêmele, que após consumir as núpcias com Zeus gerou Dioniso.

No mito grego quando Zeus procurou Sêmele pela primeira vez, não o fez na forma divina, mas sim na forma de um mortal. Quando Hera soube da traição de Zeus e que ele teria um filho com a princesa tebana, a esposa irada disfarçou-se na ama de Sêmele e a persuadiu para que desejasse ter Zeus na sua forma divina, como Hera o tinha, para que também ela pudesse experimentar o abraço de um deus. Enganada por Hera, Sêmele pediu a Zeus que lhe concedesse a satisfação de apenas um desejo e o deus prometeu fazê-

¹⁰ Burkert, 1993, p. 553.

lo. Quando a princesa tebana lhe pediu para que aparecesse como ele aparecera para Hera, visitou-a com um raio, fulminando o corpo de Sêmele e tirando-lhe a vida. Zeus, então, retirou do corpo da jovem o filho imaturo, o infante Dioniso. O pai divino abrigou na própria coxa o deus prematuramente nascido, costurando-o dentro dela e quando chegou o momento adequado do segundo nascimento do filho, o deu à luz no monte Nisa. Após o nascimento, Zeus confiou o infante Dioniso a Hermes para que o levasse às amas divinas (ninfas) que tomariam conta da criança em uma caverna.

O mito do Dioniso infante, de acordo com os dois nascimentos do deus, pode estar relacionado com o ciclo da vegetação, uma vez que o deus relaciona-se tanto com o plantio e a agricultura quanto com os fenômenos da vida e da morte: na estação de inverno a vegetação, suas plantas e árvores, parecem estar mortas, mas na estação primaveril, ligada a Dioniso com toda a sua beleza e graciosidade, a vida renasce, as plantas reflorescem e um novo ciclo da vida ressurgue: Dioniso representaria a renovação da vida natural.

Existe outro mito que relata o nascimento de Dioniso, relacionando-o aos rituais do *sparagmós* e *omofagía* e ao despedaçamento do rei Penteu. De acordo com Kerényi (2000, p. 194), nesta versão do mito a mãe de Dioniso é a deusa Perséfone, filha de Deméter e Zeus, que gerou Dioniso após unir-se com seu próprio pai. No mito, Deméter veio de Creta para Sicília, onde, perto da fonte de Cíane, descobriu uma caverna. Lá escondeu a filha Perséfone e escolheu para guardá-la duas serpentes que em outros tempos andavam atreladas ao seu carro. Na caverna, a donzela trabalhava com lã no tear e principiou a tecer um manto em que se pintava o mundo inteiro. Enquanto trabalhava, Zeus aproximou-se de Perséfone na forma de serpente e gerou na filha o deus que deveria ser o seu sucessor. Perséfone, então, dá a luz a uma criança dotada de chifres. Após o nascimento, Hera descobre a traição de Zeus e instiga os Titãs a matar o menino. Os Titãs alvejam o rosto com cal, passando-se por espíritos dos mortos, vindos do Mundo Subterrâneo, para onde Zeus os banira. Então, atacam a criança que brincava, cortam-na em sete pedaços e os jogam em um caldeirão, fervendo e assando a carne do menino para depois a comer. Para Kerényi (2000, p. 195), os chifres da criança dilacerada, fervida e assada, davam a entender que a vítima, na verdade, era um cabrito ou uma vitela. Esses animais eram tratados, nos rituais religiosos, exatamente como o deus foi tratado neste mito: despedaçado e comido.

A tragédia *As Bacantes* narra o mito de acordo com a adesão grega ao deus, nesta lenda a divindade estrangeira tem origem olímpica, e Eurípides narra a famosa história de resistência do rei Penteu contra Dioniso. Em sua tragédia Eurípides explica a loucura das três irmãs de Sêmele: Ágave, Autônoe e Ino, afirmando que elas foram punidas por terem se recusado a acreditar na divindade de Dioniso. A punição narrada na tragédia consistia em serem obrigadas a cultuar o deus como bacantes genuínas e a caçarem o filho de Ágave como se este fosse um filhote de leão. Segundo Kerényi (2000, p. 202-03), as três irmãs estavam possuídas por Dioniso Zagreu, “o grande caçador”, e perseguiram Penteu, filho de Ágave, como se este fosse um animal e tal como o ritual do *sparagmós* o exigia.

BIBLIOGRAFIA

- BELLOTO, H. L. (1966). “Origem e Natureza do culto de Dioniso”. *Revista de Letras da Unesp*, Vol. 8/9, p. 135-147.
- BURKERT, W. (1993). “Religião grega na época clássica e arcaica”. Trad. Manuel José Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 124-558.
- DODDS, E. R. (1986). “Euripides Bacchae”. Ed. E. R. Dodds. New York: Oxford University Press, p. XI-XXXVI e p. 61-72.
- KERÉNYI, K. (2000). “Os deuses gregos”. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, p. 193-203.
- KITTO, H. D. F. (1990). “A Tragédia Grega”. Trad. Dr. José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra: Arménio Amado Editora, p. 5-345.
- LESKY, A. (1996). “A Tragédia Grega”. Trad. J. Guinsburg, Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik. São Paulo: Editora Perspectiva, p. 21-280.
- LIDDELL, H. G. & SCOTT, R. (1996). “A Greek-English Lexicon”. New York: Clarendon Press Oxford, p. 1-2042.
- SOUZA, E. (2011). “As Bacantes”. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Hedra, p. 19-139.